

## POR UMA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO DOS CLÁSSICOS GRECO-LATINOS NO BRASIL

*Adriane da Silva Duarte<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Apesar de ser cada vez maior a presença de pesquisadores das letras clássicas que atuam em linhas de pesquisa dedicadas à recepção dos clássicos e à sua tradução no Brasil, essa área ainda não foi alvo de um estudo sistemático e diacrônico, que busque mapear autores e obras vertidas para o português e suas características. Esse artigo pretende traçar um panorama dessa área de atuação e refletir sobre seu impacto sobre os estudos clássicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução, recepção dos clássicos, história da tradução

**ABSTRACT:** Even though the amount of Brazilian classicists dedicated to reception and translation studies has been significantly growing in recent years, this area is still deserving a systematic and diachronic study, mapping authors and works translated into Portuguese, as well as their singular traits. This paper intends to sketch a panorama of this field, considering its specific effects on Brazilian Classical Studies' history.

**KEYWORDS:** Translation, Classical reception, History of translation

A história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil ainda está por ser escrita. Embora haja cada vez mais pesquisa feita nesse campo, falta muito a inventariar e a investigar. Esse artigo apresenta o que se pode considerar um esboço mínimo para pensá-la, com o intuito de estimular sua produção. Noto que darei ênfase às traduções literárias, nas duas acepções do termo, de textos de literatura, por oposição aos científicos ou técnicos, e daqueles que buscam recriar efeitos literários ao transpô-los para nossa língua. Isso se deve não apenas às limitações que um artigo impõe, mas também porque opções que levam em conta critérios estéticos têm atraído maior interesse dos pesquisadores e gerado maior número de estudos. Observo, no entanto, que trabalhos de outra natureza, acadêmicos ou versões de obras não-literárias, se é que é apropriada essa designação, devem igualmente ser rastreados e fazer parte dessa história que está por se contar.

Também cabe dizer que aqui se pretende apenas sugerir uma forma de sistematizar o material que emerge das pesquisas já realizadas. Quase não se avança uma análise própria e deixa-se em segundo plano questões de poética tradutória, salvo alguns casos específicos. Elejo alguns nomes âncora, representativos das etapas do ofício no Brasil, o que confere a esse texto um ar meio enciclopédico, mas creio que útil para mapear os agentes. Nesse sentido, optou-se por uma abordagem diacrônica

---

<sup>1</sup> Professora de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo. É bolsista CNPq/Pq.

em que os tradutores estão agrupados em três momentos distintos que denominei: 1) a era dos patriarcas, centrada na atividade durante o Império; 2) a era dos diletantes, que atravessa o século vinte; 3) a era dos doutores, resultado do advento das universidades, igualmente iniciada no século passado, estendendo-se até os dias de hoje.

a) A era dos patriarcas

O mito do “país do futuro”, em que tudo ainda está por ser feito, vem nos impedindo de nos debruçarmos sobre o passado, sobre nossas realizações, ainda que modestas. Cada nova geração se concentra na tarefa de encher o tonel das Danaides, relegando ao esquecimento até mesmo o que a anterior fizera. Então, sabemos muito pouco acerca dos nossos tradutores.<sup>2</sup> Quanto mais recuamos no tempo, maior a lacuna. Alguns nomes, no entanto, que contribuíram para a difusão da cultura clássica no Brasil, sobressaem-se.

Deixo de lado a Colônia, tanto por não dispor de dados suficientes sobre o período, quanto por considerar que então, as letras brasileiras não eram autônomas, atreladas que estavam às da metrópole. Basta lembrar que a atividade de imprensa no Brasil só começa em 1808, com a mudança da corte para o Rio de Janeiro – até então era vetado imprimir panfletos, jornais ou livros em nosso território. É com a proclamação da Independência, quatorze anos mais tarde, que tem início a história do Brasil como nação.

Sintomaticamente, o maior nome nessa geração, tanto por seus êxitos quanto pelo título de “patriarca da tradução criativa”, conferido por um dos nossos grandes poetas contemporâneos, além de tradutor e agitador cultural, Haroldo de Campos, foi Odorico Mendes (1799, São Luís/MA-1864, Londres/UK). Sintomático porque, nascido no período colonial, educou-se em Coimbra, mas publicou a maior parte de sua obra durante o Império, sendo admirado por Machado de Assis, que o considerava “o intérprete perfeito” da Antiguidade, e lido por D. Pedro II – é citado nos diários que manteve o imperador a propósito de sua tradução da *Odisseia*.<sup>3</sup> Testemunhou, portanto, a passagem de um momento político a outro, sendo um agente destacado na defesa das causas liberais.

---

<sup>2</sup> Não é só no âmbito dos clássicos que se sente essa carência. Iniciativas importantes, como o *Dicionário de tradutores literários no Brasil*, disponível em <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>, revelam registros assistemáticos e grandes lacunas, devidas em grande parte ao fato de a base ter sido formada a partir dos títulos publicados num período delimitado (1970-2005), o que é bastante limitante. Ainda assim causa espécie as ausências de Carlos Alberto Nunes e Mário da Gama Kury, dois tradutores expressivos e prolíficos. No que toca os tradutores de obras gregas e latinas, encontrei os seguintes verbetes: Odorico Mendes, Donald Schuler, José Antonio Alves Torrano, João Ângelo de Oliva Neto, Paulo Sérgio de Vasconcellos, Antônio da Silveira Mendonça, Sandra Bianchet, Zélia de Almeida Cardoso, Patrícia Prata; e, num âmbito mais geral, Joaquim Brasil-Fontes, José Paulo Paes, Paulo Leminski, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Ruth Guimarães. Ainda assim é uma ferramenta que pode ser aperfeiçoada e que, sem dúvida, fornece um modelo interessante.

<sup>3</sup> Cf. Petrônio (2013: 6) e Daros (2012: 239-240).

O título de patriarca cabe-lhe bem porque, se evoca por um lado o pai fundador de uma tradição, também remete a um contemporâneo seu, José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), por alcunha o “Patriarca da independência”. Aliás, também ele afeito às letras clássicas, como se pode ver nesses excertos da *Teogonia* (804-810), de Hesíodo, e das *Bucólicas I*, de Virgílio (*apud* Campos, 2008: 207-208), cuja versão em decassílabos, como era praxe então, assina:

Tal é da velha Estige a água perene,  
Por onde os deuses juram. Ela banha  
Áridos chãos. – Ali a tenebrosa  
Terra, e do inexausto estéril ponto,  
E do pólo estrelado estão por ordem  
As fontes, e as esquálidas, infaustas  
Raias, que os mesmos numes aborrecem.

Tu, debaixo da copa recostado  
Da larga faia, ó Títilo, te ensejas  
Em leve cana na silvestre musa:  
O paterno recinto, e as doces lavras  
Deixamos nós; da pátria nós fugimos.  
Tu, ó Títilo, à sombra repousado,  
Fazes o nome de Amarílis bela  
Nos bosques ressoar.

Voltando a Odorico Mendes, seus êxitos não foram poucos. Além da tradução da *Ilíada* (1874) e da *Odisseia* (1928), de Homero,<sup>4</sup> concluiu a tradução da *Eneida*, das *Geórgicas* e das *Bucólicas* de Virgílio, no que denominou *O Virgílio Brasileiro* (1858).<sup>5</sup> Como nota Petrônio (2013: 20), o título que dá à sua empreitada virgiliana é significativo já que “mais do que ressaltar o fato de que está publicando Virgílio no Brasil e em português, parece querer emular outros poetas, dizendo que a obra que compusera é mais do que uma tradução”. Sem dúvida, o projeto tradutório odoriqueano, sintomaticamente, mais uma vez, levado a cabo em Paris, deve ser lido à luz da grande questão do XIX brasileiro, a formação de uma identidade nacional.

Como ressalta Campos (2008: 213), as notas à tradução explicitam muitas vezes essa apropriação de Homero ou de Virgílio à realidade brasileira. Veja-se, como exemplo, excerto da tradução da *Ilíada* VII, 254-260, em que Ajax junta-se Agamêmnon para um sacrifício e, na sequência, a nota a ela aposta (Homero, 2008: 275 e 885, tradução e nota de Odorico Mendes, grifos meus):

O amplo-reinante ali sacrificava  
Quinquene touro ao padre onipotente:  
Efolam-no, retalham-no, espostejam,  
De espeto as carnes cuidadosos assam.  
Pronto o festim, regalam-se os convivas

<sup>4</sup> Embora a publicação dos poemas homéricos seja póstuma, as traduções já circulavam como atesta anotação do diário de D. Pedro II, de 09/09/1890, em que registra ter comparado sua tradução da *Odisseia* à do tradutor maranhense. Penso que esse mesmo fato, as traduções terem sido publicadas após a morte do tradutor, contribuiu para sua permanência, pois reavivavam a memória de Odorico e de seu projeto, favorecendo sua circulação entre as gerações mais novas - especialmente interessante é o caso da *Odisseia*, cuja publicação é contemporânea ao modernismo. Também deve ser considerada a inclusão de trechos de suas traduções em antologias e manuais escolares do XIX, segundo Petrônio (2013: 6) e sua veiculação na popular coleção Clássicos Jackson. A história da tradução dos clássicos no Brasil terá que comportar, necessariamente, a investigação de como se deu sua circulação.

<sup>5</sup> A *Eneida* fora publicada sozinha em 1854, esgotando-se a edição em 15 dias (Petrônio, 2013:17).

De iguais porções; a Ajax embora desse  
O rei dos reis em honra o dorso inteiro.

Note-se que, assim neste como em outros livros, quando fala Homero dos assados, junta um advérbio ou coisa que recorde quão difícil é consegui-los. Em nossos dias, Brillart Savarin na sua *Physiologie du Gôut*, escrevia que os cozinheiros fazem-se, mas que os assadores nascem; o que vai com o pensamento do poeta. Posto que os ingleses na Europa são os que melhor sabem apreciar a iguaria preferida pelos heróis da *Iliada*, é nos sertões de nosso Brasil, principalmente nos do Ceará e do Rio Grande do Sul, que os assados formam a comida principal. Não é só nisso que os sertanejos têm semelhança com os tais heróis; têm-na em muitos pontos: na simplicidade e na singeleza, na hospitalidade, no amor da vingança bem como no costume de discursarem antes de se travarem em duelo; costume que há também entre os selvagens de toda a América, ainda mais parecidos com os homens de Homero.

Odorico tece a aproximação entre o herói épico, Ájax ou Agamêmnon, ao homem simples do sertão, seus costumes e seu código de honra, e ao indígena, figura central na nova mitologia romântica, que se cria então no país. Em outros momentos, o Brasil irrompe na linguagem, na seleção vocabular, como mostrou bem Campos (2008: 218), que cito:

A presença de alguns termos, como “jangada”, citado acima, “morenadas” (para “belas”, qualificativo de “faces”, *Od.* 8, 66), “juba equina” (para “crina”, *Il.* 6, 415, justificada em nota), “endiabrada”, “anjo meu” (para *eudaimoníe*, “numinosa”, *Il.* 4, 25, *Il.* 6, 430, ambas as formas também defendidas em notas), e o ousado “cocar” (para “elmo com penacho”, *Il.* 16, 282), se é interessante, não chega a imprimir à poesia homérica como um todo uma “cor local”, que acusasse claramente a inspiração odoriqueana: decididamente ele não a “acaboclou”, embora esse dado não seja irrelevante e mereça um estudo mais aprofundado.

Esse “Homero amorenado” que se deixa entrever é abafado pela dicção característica do tradutor, em que arcaísmos e neologismos de caráter erudito sobressaem, conferindo-lhe sua singularidade (também evidentes no trecho citado da *Iliada*) – fator que lhe trouxe a censura de críticos do porte de Sílvio Romero ou Antônio Cândido e a admiração de Haroldo de Campos, entre outros. Foi exatamente o poeta e crítico concretista que resgatou-lhe a memória quando, a partir dos anos 1960, passou a enfatizar sua contribuição para a arte da tradução no Brasil, fazendo dele o precursor da transcrição literária que o próprio Haroldo praticava (Campos, 2013: 1-18). A reavaliação de sua obra veio a confirmar o papel que teve, não apenas

na recepção dos clássicos, mas na formação da literatura brasileira, pois suas traduções ganharam hoje *status* de obra literária e são lidas à luz de outros escritores contemporâneos, como Sousândrade – é o caso de uma tradução que ultrapassa sua função transitória para incorporar-se ao patrimônio cultural da língua.<sup>6</sup>

Vale mencionar o menos conhecido coetâneo, o baiano João Gualberto Ferreira dos Santos Reis (1787-1861), tradutor da *Eneida* (1845, dedicada a D. Pedro II, anterior, portanto, à de Odorico) e da *Geórgica Brasileira*, que reúne o *Sacchari opificio carmen*, poema do padre Prudêncio do Amaral, e o *De rusticis Brasiliae rebus* (1781), de José Rodrigues de Melo (FONDA, 1977). Uma biografia mínima encontrada na internet o descreve como poeta, tradutor, professor de latim, seguida de uma curiosa anotação: “a modéstia prejudicou-o bastante”. Segue-se o trecho inicial de sua *Eneida*, ladeada, à guisa de comparação, da versão odoriqueana, cuja economia salta aos olhos:<sup>7</sup>

As armas e o Varão canto, que à Itália,  
Pelos rigores prófugo do Fado,  
Das Troianas regiões primeiro veio,  
E às praias de Lavínio; aquele mesmo,  
Que por força dos deuses, e guardada  
Ira da cruel Juno, perseguido  
Mais que muito se viu por mar e terra;  
Que males mil sofreu tão bem na guerra,  
Té-que a cidade edificasse, e ao Lácio  
Os errantes Penates induzisse:  
D'onde a Gente Latina, e Albanos Padres,  
E os muros procederam d'alta Roma.

Armas canto e o varão que, êxul de Tróia,  
Primeiro os fados do prófugo aportaram  
Na Hespérica Lavino. Em mar e em terra  
Muito o encontrou violenta mão suprema,  
E o lembrado rancor da seva Juno;  
Muito em guerras sofreu, na Ausônia quando  
Funda a cidade e lhe introduz os deuses:  
Donde a nação Latina e Albanos padres  
E os muros vêm da sublimada Roma.

Para fechar esse capítulo dos patriarcas, deve-se ainda falar de Dom Pedro II (1825-1891), que ao longo de sua vida se dedicou ao estudo das línguas e à tradução, faceta que hoje em dia começa a ser analisada, e destaco aqui as investigações levadas a cabo por Sérgio Romanelli e outros pesquisadores ligados ao Projeto D. Pedro II: um tradutor imperial, sediado na UFSC. Embora as traduções de D. Pedro fossem

<sup>6</sup> Hoje o legado de Odorico é objeto de estudo, cite-se especialmente Projeto Odorico Mendes, coordenado por Paulo Sérgio de Vasconcellos e sediado na Unicamp (<http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/>), com destaque para a publicação de edições críticas da tradução da *Eneida* (Virgílio, 2008) e das *Bucólicas* (Virgílio: 2008). Edições críticas da *Iliada* (Homero: 2008) e da *Odisseia* (Homero), essa infelizmente esgotada, também vieram à público, a cargo de Sálvio Nienkötter e Antonio Medina Rodrigues respectivamente.

<sup>7</sup> Vale notar que Odorico conhecia seu predecessor e o cita. Note-se o “prófugo” nas duas versões, o que sugere empréstimo. Embora os dois empreguem o decassílabo, um o faz em 12, outro em 9 versos, onde o poeta latino se vale de apenas 7. O excerto de Santos Reis está disponível em <[http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/0067-02029.html](http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0067-02029.html)>, site que reproduz também a reedição de 1940 da *Geórgica Brasileira*. Devo a João Ângelo Oliva Neto a notícia desse tradutor baiano, cuja obra abordou no II Encontro *Tradução dos Clássicos no Brasil*, 05/03/2016, na Casa Guilherme de Almeida, São Paulo-SP : “João Gualberto Ferreira dos Santos Reis e a primeira tradução brasileira integral em versos da Eneida: considerações primeiras” (<http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/programacao/ver-programacao.php?idprogramacao=325&iddata=2084>).

complementares ao estudo das línguas, tendo caráter de exercício, algumas foram publicadas ou estão arquivadas e podem ser consultadas. Erudito, o imperador dominava inúmeros idiomas e, além das línguas modernas, necessárias ao desempenho de suas funções de estado, também conhecia o latim, o grego, o sânscrito e o hebraico.

Na lista das obras disponíveis para consulta consta a tradução do *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo.<sup>8</sup> O imperador, contra a opinião de Gobineau, com quem discutia seus progressos por carta e que era favorável a uma versão em versos, traduziu a tragédia em prosa, tendendo ao literal (Romanelli et ali, 2012).<sup>9</sup> A partir dela, o Barão de Paranabiaca (João Cardoso de Meneses e Sousa, 1872-1915) apresenta seu “translado poético”, que declara constituir “entre nós a primeira tentativa” – para breve análise e exemplos remeto a Haroldo de Campos, *O Prometeu dos Barões* (Campos, 1997). Eis um excerto da tradução (*apud* Campos, 1997: 238-239):

Ó Éter divinal; auras velozes;  
 Mananciais dos rios; vós, ó risos  
 Inumeráveis de marinhas ondas;  
 Ó Terra, mãe universal; ó disco  
 Do sol omnividente! Aqui me tendes!  
 Vede que dor a um deus infligem deuses!

A tradução do imperador também motivou outra empreitada, a de Ramiz Galvão (1846-1938), helenista e professor do Colégio D. Pedro II. O monarca pediu-lhe uma versão em verso em 1888, que, ao que consta, chegaram a discutir juntos (Campos, 1997, 247). A publicação, contudo, veio apenas em 1909. Na opinião de Haroldo de Campos, a tradução de Galvão tem qualidade poética, aproximando-se da tendência à transcrição representada por Odorico Mendes, embora mais comedido, e lamenta que seja desconhecida até mesmo de acadêmicos (Campos, 1997: 249) – o colega e pesquisador da história da tradução dos clássicos no Brasil, João Ângelo Oliva Neto sugeriu, em conversa informal, que a dedicatória ao imperador pudesse ser a causa de seu desprestígio com a ascensão da República; depõe nesse sentido o fato de que essas traduções só vieram à luz de 8 a 10 anos após o fim da monarquia e o exílio do imperador. À guisa de comparação, segue o mesmo trecho já citado, agora na lavra do Barão de Ramiz (Campos, 1997: 258 – o volume traz a integral da tradução):

Éter divino, alados, prestos ventos,  
 Fontes dos rios, ondular das vagas.  
 Terra – mãe comum, sol omnividente,  
 Eu vos invoco! Um deus

<sup>8</sup> Faz-se menção a um livro *Prometeu Acorrentado de Eschylo*, datado de 1907 (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907). Creio que traga a versão do Barão de Paranabiaca a partir do manuscrito deixado pelo imperador, manuscrito esse datado de 14/04/1871, do punho de D. Pedro II e que foi doado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pelo Barão de Paranabiaca, em 1912.

<sup>9</sup> Arthur de Gobineau (1816-1882) foi intelectual e diplomata francês que, designado em missão no Rio de Janeiro, tornou-se interlocutor do imperador e, posteriormente, seu correspondente, após o seu retorno a Europa.

Vede, como padece dos mais deuses;  
Vede como afrontado  
Sofrerei largos anos  
Nesses elos infames,  
Que Zeus, o novo chefe,  
Para mim descobriu.

Como observou Haroldo de Campos (1997: 248), são “três o número de versões do *Prometeu* estimuladas por Dom Pedro”, a se considerar que o Barão de Paranabiaca apresenta duas versões de sua tradução, vindas a luz num intervalo de dois anos, que testemunha a existência de uma prática tradutória de boa qualidade entre nós, que não deve permanecer ignorada.

Por fim, devo mencionar que Dom Pedro também traduziu a *Odisseia*, como atestam as entradas em seu diário, que vão de julho de 1887 a janeiro de 1891. Lembre-se que o Imperador parte para o exílio em 1889, vivendo desde então em Paris, onde veio a falecer em dezembro de 1891. Ou seja, no momento em que se dedica à tradução do poema de Homero, o monarca vive uma odisseia pessoal, em que, à maneira do herói grego, mantém sempre viva a esperança de retornar à Ítaca natal – os diários trazem também registros de sonhos em que estava de volta ao Brasil.

Nesses quase quatro anos em que se dedicou a Homero, Dom Pedro dá mostras de uma disciplina notável. As entradas no diário revelam sessões de tradução de tradução frequentes, às vezes sob a supervisão do professor Seibold.<sup>10</sup> Os progressos eram comparados às versões alemã, francesa e com a, ainda inédita, de Odorico Nunes. Veja-se, por exemplo a entrada referente ao dia 09/09/1890, 3ª feira (*apud* Daros, 2012: 240): “2h 35’: Homero – *Odisséia* comparando o original com a tradução de Odorico Mendes – Seibold bebe café. Vou a Camões.”

Interessante notar que no período em que se ocupou da *Odisseia*, o Imperador também estudava Camões, repassando o texto dos *Lusíadas* com sua tradução alemã, e tinha aulas de tupi-guarani, oferecendo os pilares da cultura brasileira em formação. Veja-se a entrada de 31/01 do mesmo ano (*apud* Daros, 2012: 239): “10h: Traduzi Homero. *Odisséia*. Continuei a leitura da edição da *Arte Guarani* de Restivo feita pelo Seibold. Comparei uma tradução alemã dos *Lusíadas* com o original.[...]”

Essas anotações sistemáticas, que merecem maior atenção da parte dos classicistas, revelam muito do lugar que a tradução ocupava na vida do monarca. Sua motivação parece estar no estudo da língua, sem maiores ambições literárias – tanto é assim que encomenda a Ramiz Galvão a versão poética de sua tradução literal do *Prometeu*.<sup>11</sup> A nota do dia 03/09/1887, portanto, bem do início de sua prática

---

<sup>10</sup> Christian Friederich Seybold (1859-1921), Seibold para Dom Pedro, foi tutor do imperador de 1886 até sua morte, no exílio. O orientalista alemão ficou encarregado das lições de sânscrito, árabe, grego e hebraico, supervisionando suas traduções e orientando suas leituras. Com a morte de seu pupilo, assumiu posto de línguas semíticas em Tübingen, onde lecionou por vinte anos. Durante os anos no Brasil, estudou e revisou tratados de línguas indígenas. Mais informações em Mafra; Stallaert (2015).

<sup>11</sup> Como anota Daros (2012: 240): “Ao que parece, Dom Pedro não traduzia com o objetivo de fama literária, nem mesmo com a ambição de publicar livros. Traduzia por prazer, para treinar o

homérica, dá a entender que a tradução tem uma função didática (*apud* Daros, 2012: 239): “1h ½: Dei lição de grego traduzindo a *Odisséia* e comparando-a com a tradução alemã”.

Cumpra ainda lembrar, antes de dar por findo esse capítulo, as traduções de José Feliciano de Castilho (1810-1879), português radicado no Rio de Janeiro desde 1847 até a sua morte. Integrou o círculo convivial de D. Pedro, graças a sua erudição, a ponto do primeiro discutir soluções para a tradução da *Farsália* empreendida pelo segundo (VIEIRA: 2010: 74). Além da tradução, destacou-se enquanto filólogo, ao editar e comentar obras em língua portuguesa e latinas – caso de *Amores* (1858) e *Arte de Amar* (1862), de Ovídio, na tradução de Antônio Feliciano de Castilho, seu irmão – mas esse, apesar de ter visitado o Brasil, não se estabeleceu aqui. Eis um excerto de sua *Farsália* (X), em decassílabos (*apud* Vieira: 2010: 81-82), em que se descreve o palácio de Cleópatra:

Ares de templo,  
E templo quais depois só pôde alça-los  
Depravação do luxo, ostenta a sala.  
Que riqueza no teto artesoado!  
Esconde oiro maciço as arquitraves!  
As paredes de mármore por dentro  
Vão revestidas d'ágatas, de sárdios,  
Alviopurpúrea mescla! Os pavimentos,  
O que se calca aos pés, são cornelinas!

Há, com certeza, ainda muitos outros nomes a resgatar que, por meio da tradução, contribuiriam para a recepção dos clássicos no Brasil do Império.

b) A era dos diletantes

A um segundo momento da história da tradução brasileira dos clássicos, que se estende ao longo do século XX, pode-se chamar de era do diletantismo, porque seus principais expoentes eram diletantes em ao menos duas das acepções do termo, *i.e.*, eram amantes das artes e da literatura e a elas se dedicaram não por ofício principal – embora alguns desses tradutores tenham vindo a sobreviver de sua arte. Com isso, quero deixar bem claro que não emprego o termo com intuito de derogatório, pelo contrário. Autodidatas, muitos tiveram contato com os clássicos nos bancos da escola, aperfeiçoando depois o conhecimento das línguas grega e latina por conta própria.

Esses tradutores, ainda largamente publicados, têm um papel formador incomensurável, sendo responsáveis pelo primeiro contato de muitos leitores com as literaturas grega e latina ainda hoje. Embora estejam mais próximos de nós, alguns deles ainda vivem, sabemos tão pouco deles como dos seus precursores do tempo do imperador. E isso não deixa de soar para mim como um sintoma do desprestígio, ou,

---

conhecimento e a fluência nos vários idiomas que cultivava; porém, como homem da política, provavelmente, na escolha dos textos, a ideologia também lhe falava”.

por outra, da invisibilidade do tradutor em nossa sociedade. Para o leigo, e eles traduziram mirando o grande público (e é por isso que muitos deles ainda continuam no mercado, enquanto as traduções “universitárias” não costumam ultrapassar a primeira edição), é como se a tradução fosse uma operação automática, fruto de geração espontânea, algo que demanda pouco esforço – na verdade, a maioria dos leitores sequer busca saber quem é o tradutor da obra que lê. Não pretendo aqui, e nem poderia fazê-lo, falar de todos. Citarei alguns, detendo-me nos mais influentes.

Carlos Alberto Nunes (1897-1990) é o nome mais expressivo dessa geração, dado o alcance e a amplitude de suas traduções. Como Odorico Mendes, é maranhense e, até fixar-se em São Paulo, passa pela Bahia e pelo Acre. Era médico e exerceu a profissão, ocupando o cargo de médico legista no Instituto Médico Legal em São Paulo. Suas traduções, bem como sua obra poética, em que se destaca o poema épico *Os Brasileidas* (1938), eram feitas à margem de sua vida profissional, intensificando-se com a aposentadoria. Além do grego e do latim, traduziu do alemão (Goethe) e do inglês (a integral de Shakespeare!). No âmbito dos clássicos, traduziu, além dos três épicos, toda a obra platônica, que vem sendo cuidadosamente reeditada pela Editora da Universidade Federal do Pará.

Suas traduções da *Ilíada* (1945), *Odisseia* (1941) e *Eneida* (1981) estão constantemente em catálogo e vem sendo lidas através das gerações, embora a cada ano os mais jovens tenham mais dificuldade com a sintaxe e o léxico do tradutor, que, se não equiparáveis em grau de dificuldade as do seu conterrâneo predecessor, também demandam esforço da parte do leitor. Curiosamente a redescoberta e valorização de Odorico Mendes determina o ocaso de Nunes, tido pela crítica como “retórico” e “passadista”,<sup>12</sup> já que suas escolhas são opostas às de Odorico, a começar pelo metro em que verte os épicos clássicos, acomodando o hexâmetro antigo em um verso de dezesseis sílabas e, com isso, quebrando com o predomínio do decassílabo de inspiração camoniana. Se verso mais longo e a observância do número de linhas original dos poemas (Odorico abreviara Homero) resultam em maior fluência, o texto também parece palavroso.

Sua contribuição para a recepção dos clássicos, contudo, vem sendo revista graças aos estudos de João Ângelo Oliva Neto (2014), que recentemente “editou”, por assim dizer, a *Eneida* (Virgílio: 2014), dotando-a de estudo introdutório de fôlego em que lhe examina a poética tradutória e resgata sua forma original, adulterada por anos de descuro editorial. Embora familiar a muitos de nós, tomemos como exemplo de sua tradução, os primeiros versos do épico de Virgílio (1-7):

As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Troia  
Por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro  
E de Lavínio nas praias. A impulso dos deuses por muito

---

<sup>12</sup> Veja o juízo de Haroldo de Campos (1991: 144) que, no entanto, louva sua solução métrica: “No que se refere à linguagem, todavia, não é empreendimento voltado para soluções novas, com a estampa da modernidade. Trata-se, antes, de uma tradução acadêmica, de pendor “classicizante”, que retroage estilisticamente no tempo”. Noto a curiosidade de denominar uma tradução dos clássicos pejorativamente de “classicizante”...

Tempo nos mares e em terras vagou sob as iras de Juno,  
Guerras sem fim sustentou para as bases lançar da cidade  
E ao Lácio os deuses trazer – o começo da gente latina,  
Dos pais albanos primevos e os muros de Roma altanados.

Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992), paulista, era formado em direito, mas foi poeta, crítico literário e professor universitário (Literatura Portuguesa na Casper Líbero). Traduzia do inglês e do francês e foi autor de inúmeras antologias da literatura brasileira. Organizou e verteu do grego e do latim uma antologia de poesia (1964) e as *Bucólicas*, de Virgílio (1982). Se, no primeiro caso, declara não ter maiores pretensões que “transmitir ao leitor de nossos dias, de modo acessível e em linguagem fiel, embora a mais simples e viva possível, alguns retalhos daquela grande alma antiga” (1964: 8); no segundo, enuncia breve programa tradutório inspirado no poeta francês Paul Valéry, também tradutor das *Bucólicas*. “De modo ainda não feito em nossa língua”, declara adotar (1982: 10):

“...como padrão o verso de 14 sílabas de andamento binário, com tolerância do ritmo ternário no primeiro hemistíquio. Era um verso longo, como longo era o verso de Virgílio, mas possibilitava traduzi-lo, digamos assim, verso a verso, sem sacrifício essencial ou deveras significativo de palavras. Na verdade, apesar das limitações que isso possa impor, um texto poético metrificado só pode traduzir-se em verso, para dar uma ideia do que seja o original”.

Se na defesa da tradução metrificada mira os primeiros modernistas em sua campanha pelo verso livre e contra a camisa de força das formas fixas, mais adiante, alfineta os precursores, cultores da concisão, ou, melhor posto, de Camões (1982: 10): “E isso foi feito com a maior boa-fé, com a intenção única de não desdourar exageradamente Virgílio, como em geral o têm as feito nossas traduções em decassílabos” – tanto as *Eneidas* de Santos Reis e de Mendes, quanto as *Bucólicas* de Bonifácio elegem tal metro. Seu Virgílio é em tudo complementar ao de Nunes, sendo que ambas traduções foram ensejadas por ocasião das comemorações do bimilenário do poeta latino promovidas pela Academia Paulista de Letras. Reproduzo aqui o início da primeira *Bucólica* para que se possa contrastar com a do Patrocínio, já citada:

Ó Títiro, deitado à sombra de uma vasta faia,  
Aplicas-te à silvestre musa com uma fruta leve;  
Nós o solo da pátria e os doces campos nós deixamos;  
Nós a pátria fugimos; tu, na sombra vagaroso,  
Fazes a selva ecoar o nome de Amarílis bela.

Mário da Gama Kury (1922, Sena Madureira/Ac) é dos mais produtivos tradutores do grego antigo e o que melhor representa a classe dos diletantes. Advogado, trabalhou por 30 anos na Vale, enquanto, em paralelo, estudava grego por

conta própria e dava início às primeiras traduções. Com a aposentadoria, em 1976, dedicou-se integralmente à atividade, vertendo todo o teatro grego, tragédias e comédias (hoje no catálogo da Zahar – recentemente selecionei algumas de suas traduções para compor o volume *O melhor do teatro grego*, RJ: Zahar, 2013), e o principal da historiografia, as obras monumentais de Heródoto, Tucídides e Políbio, além de Aristóteles e Diógenes Laércio, editadas pela UNB.<sup>13</sup> Inegavelmente fluentes, suas traduções carecem de uniformidade. No caso do teatro, as vezes traduz em versos, as vezes em prosa, não é consistente quanto ao léxico, apresenta uma certa tendência à paráfrase e a transliteração dos nomes sempre causou espécie na academia, mas é difícil encontrar quem não o tenha lido. Cito aqui, como ilustração, um excerto do *Prometeu acorrentado* (Ésquilo, 2013: 34, v. 115-121):

Éter divino, ventos de asas lépidas,  
Águas de tantos rios, riso imenso  
Das vagas múltiplas dos mares, Terra,  
Mãe de todos os seres, e tu, Sol,  
Onividente olho, eu vos invoco!  
Notai os males que eu, um Deus, suporto,  
Mandados contra mim por outros Deuses!

Para não correr o risco de me estender demais, lembro apenas alguns outros ilustres representantes dessa era do diletantismo que dedicaram-se esporadicamente aos nossos autores. O poeta Guilherme de Almeida (1890-1969), cuja casa hoje abriga um dinâmico centro de estudos da tradução literária, era grande tradutor de poesia francesa. Advogado de formação, profissão que abandonou na meia-idade, verteu a *Antígone* de Sófocles em 1952 (republicada em 1997), por iniciativa de Haroldo de Campos. O também poeta, além de editor (Cultrix) e químico, José Paulo Paes (1926-1998) deixou enorme obra tradutória. Entre os clássicos destacam-se suas traduções de Paladas de Alexandria (*Epigramas*, SP: Nova Alexandria, 1992), *Poemas da Antologia Grega ou Palatina* (SP, Companhia das Letras, 1995) e Ovídio (*Poemas da carne e do exílio / Tristia*, SP: Companhia das Letras, 1997). Ao lado desses, gostaria ainda de mencionar Millôr Fernandes (1923-2012), sobejamente conhecido por suas atividades na imprensa como ilustrador e escritor. Dos gregos traduziu *Lisístrata: a greve do sexo*, de Aristófanes (São Paulo: Abril Cultural, 1977), e *Medeia*, de Eurípides (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004), essa, em suas palavras, uma “transubstanciação” (ao que parece, com interposição de texto moderno – a conferir).

---

<sup>13</sup> A pouca informação que obtive veio das páginas da Academia Brasileira de Letras, que em 17/04/2013, noticiou a doação de sua biblioteca pessoal à Instituição (cf. <http://www.academia.org.br/noticias/secretario-geral-geraldo-holanda-cavalcanti-exalta-importancia-cultural-da-doacao-abl-de-17>), e da Vale (<http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/abl-recebe-colecao-mario-da-gama-kury-ex-diretor-da-vale.aspx>).

Termino com o escritor curitibano Paulo Leminski (1944-1989), que ganhou a vida também como professor de cursinho, publicitário e músico. É de seu *Satyricon* (Petrônio, São Paulo: Brasiliense, 1985), que traz um viés da contracultura, a citação abaixo (*apud Dicionário de tradutores literários no Brasil, Satyricon cap. XXIII*):

A festa recomeça, e Quartila chama todo mundo para recomeçar a beber, ao alegre som da cymbalítria. Entra um dançarino completamente bicha, como, aliás, tudo naquela casa, e, batendo as mãos para marcar o ritmo, largou um poema que dizia assim:

Vem comigo, vem comigo,  
Vocês que gozam pelos cinco sentidos,  
Pezinho pra frente, bundinha pra trás,  
Delírios e delícias orientais.

c) A era dos doutores

A implantação de Universidades no Brasil é recentíssima, não tendo ainda perfeito cem anos. Apesar de haver cursos superiores e faculdades, especialmente de medicina, direito e engenharia, desde o início do século XIX, os primeiros centros universitários datam dos anos vinte e trinta do século passado: a Universidade do Rio de Janeiro (URJ, base na UFRJ) é de 1920, a Universidade de São Paulo, de 1934, a Universidade do Distrito Federal, de 1935, sendo que a maioria das federais é criada entre as décadas de 50 e 70 apenas. Esse ciclo de expansão, vale lembrar, coincide com a supressão paulatina do grego e latim no ensino secundário, efeito da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional de 1961, que tornava essas matérias optativas, o que veio a reduzir a necessidade de formação de professores e alterar a percepção do que um curso universitário dessas habilitações deveria privilegiar.<sup>14</sup>

Quebrando com a regra de privilegiar os cursos profissionalizantes, a USP organizou-se em torno da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, cujo ensino, nos primeiros anos, ficou a cargo de professores estrangeiros, que para cá transplantaram métodos de pesquisa e ensino europeus, promovendo o intercâmbio dos novos formandos com seus países de origem, onde deviam dar prosseguimento a sua formação – a França foi o destino preferencial.

Todo esse introito é para marcar que o advento dos cursos de Humanas e, depois, dos Programas de Pós-graduação teve impacto na tradução dos clássicos e sua recepção no Brasil, como era de se esperar. Entram em cena os universitários, cuja formação e o *modus operandi* era muito diversa da dos diletantes, com os quais

---

<sup>14</sup> Para uma interessante análise do ensino do latim no Brasil e seus percalços, cf. Leite, L. R.; Barbosa e Castro, M. O ensino da língua latina na Universidade brasileira e sua contribuição para a formação da graduação em Letras. In *Organon*, v. 29. N. 56, 233-244, 2014. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/43622> >, acessado em 07/03/2014. Para o grego, consultar Starzynski, G. M. R. Língua e Literatura Grega: Origens. In *Estudos Avançados*, 8, n. 22, 395-400, 1994. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000300050](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000300050) >, acessado em 07/03/2014.

convivem, no entanto. Por óbvio, quero reiterar aqui que filologia e filólogos sempre existiram, sendo Ramiz Galvão, no Brasil imperial, um eloquente exemplo. O que quero ressaltar é que a criação dos cursos universitários dedicados ao grego e latim mudou a formação desses estudiosos e sua maneira de se relacionar com o texto clássico. Também é importante lembrar que os nossos primeiros mestres dessas cadeiras, os brasileiros, eram como que anfíbios, tendo feito sua formação no sistema anterior e migrado, com adaptações, às Universidades.<sup>15</sup>

Devo notar que desde o início a pós-graduação em Letras Clássicas na USP se tornou importante estímulo para a difusão de traduções em nosso país. O primeiro doutorado defendido, em 1961, consistiu na tradução e estudo do *Simpósio* de Platão, por José Cavalcante de Souza; em 1963, Gilda Reale Starzynski, apresenta sua tese sobre *As nuvens*, de Aristófanes, novamente estruturada em torno da tradução do texto – ambas viriam a ser publicadas pela Difel e republicadas nos anos 1970 na Coleção *Os Pensadores*, da Editora Abril, outro importante estímulo à atividade.<sup>16</sup> Ainda hoje é a praxe na USP que as dissertações de mestrado adotem essa estrutura (tradução + estudo), o que contribuiu para que alguns dos mais notáveis tradutores das últimas gerações sejam egressos desse Programa.<sup>17</sup> Como exemplo desse grupo, vou apontar uns poucos nomes, entre tantos que calo dados os limites desse texto, e destacar sua contribuição para a tradução dos clássicos no Brasil. São eles: Jaa Torrano (USP), Trajano Viera (UNICAMP), João Ângelo Oliva Neto (USP), Guilherme Gontijo Flores (UFPR), Ana Maria Cesar Pompeu (UFC) e Tereza Virgínia Ribeiro (UFMG).

José Antônio Alves Torrano (1946) exemplifica bem o que denomino “tradutores doutores”. Tendo se graduado em Letras Clássicas (habilitações português, latim e grego, 1974) pela FFLCH/USP, onde ocupa hoje o cargo de professor titular de Língua e Literatura Grega. Seu aprendizado se deu no âmbito da Universidade e algumas de suas traduções integram seus projetos de pesquisa. Declarou em uma entrevista que, como “não há tradução de clássicos fora da universidade, o papel dela é único e absoluto”.<sup>18</sup> Traduziu *Teogonia*, de Hesíodo (SP: Iluminuras, 1991), a integral do teatro de Ésquilo (SP: Iluminuras, 2004 e 2009), e concluiu a tradução completa das tragédias de Eurípides, cujo primeiro volume já está disponível em e-book (SP: Iluminuras, 2015). Para Torrano a tradução tem função hermenêutica constituindo a primeira e principal etapa da interpretação do texto. Sem preocupação com a métrica, busca contudo reproduzir efeitos poéticos do original. Trago dois

---

<sup>15</sup> Nota Starzynski (1994: 395) que as primeiras turmas da habilitação na Universidade de São Paulo eram compostas em sua maioria de autoditatas, sacerdotes e professores secundários que dominavam rudimentarmente a língua, o que inviabilizava a pesquisa propriamente dita.

<sup>16</sup> Platão. *O Banquete*. Tradução, introdução e notas de J. Cavalcante de Souza. São Paulo: Difel, 1970, 2ª ed.; Aristófanes. *As Nuvens*, Tradução, introdução e notas de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Difel, 1967. A tradução de Cavalcante, revista e corrigida, acaba de ser publicada pela Editora 34 Letras (SP: 2016).

<sup>17</sup> Restrinjo-me a São Paulo por conhecer melhor e, como vimos, as informações sobre nossas atividades são parcas. Além disso, deve-se reconhecer o papel que o PPG Letras Clássicas da USP teve, e ainda tem, na formação de docentes do ensino superior, hoje trabalhando em diversas IES país a fora.

<sup>18</sup> Em entrevista inédita, como trabalho de fim de curso, para Adriana de Paula Moraes (07/11/2011).

exemplos, da *Teogonia* (805-810) e do *Prometeu Cadeeiro* (88-92), já tão citados aqui em outras versões:

Tal juramento os Deuses fizeram de Estige  
imperecível  
Água ogígia que brota de abrupta região.  
Aí, da terra trevosa e do Tártaro nevoento  
E do mar infecundo e do céu constelado  
De todos, estão contíguos as fontes e confins  
Torturantes e bolorentos, odeiam-nos os  
Deuses.

Ó divino Fulgor e velozes alados ventos  
E fontes de rios e inúmero brilho  
De ondas marinhas e Terra mãe de todos,  
E invoco o onividente círculo do Sol.  
Vede-me que dos Deuses padeço Deus.

Trajano Vieira também fez seus estudos na USP e hoje é professor no IEL/UNICAMP. Sua atividade acadêmica é indissociável de seu projeto tradutório. Colaborador de Haroldo de Campos na transcrição da *Iliada*, de cuja poética se aproxima, verteu a *Odisseia* (SP: Editora34, 2011), obra que fez jus ao Prêmio Jabuti de Tradução em 2012. Tem se dedicado à tradução do teatro grego, sempre buscando soluções poéticas, variadas, contudo. Exemplifico brevemente com tradução do *Prometeu Prisioneiro* (88-92, 1997) e com a *Odisseia* (1-6):

Ventos alivelozes, ar divino,  
Fontes dos rios, inúmeros sorrisos  
De ondas salinas, Terra, mãe-de-todos,  
Eu vos invoco e ao Sol, visão total  
No disco: sofre um deus, oprimem deuses.

O homem multiversátil, Musa, canta, as muitas  
Errâncias, destruída Troia, pólis sacra,  
As muitas urbes que mirou e mentes de homens  
Que escrutinou, as muitas dores amargadas  
No mar a fim de preservar o próprio alento  
E a volta dos sócios. [...]

Merecem destaque também dois tradutores da lírica latina, gênero menos contemplado pelo mercado editorial. Começo por João Ângelo Oliva Neto, graduado também pela USP, onde hoje é professor de Língua e Literatura Latina, dedicando-se, entre outros interesses, aos estudos da tradução dos clássicos no Brasil. Como tradutor, João Ângelo traduziu Catulo, Calímaco, Horácio e a *Priapeia*, sempre adotando critérios que evidenciem a poética original dos textos – assim sendo, traduz em metro “compatível” com o dos poema antigo, mantém a elocução, explora a sonoridade do original. Sua tradução d’*O livro de Catulo* (CATULO, 1996), 116 poemas, de “gêneros”, metros e elocução diversa, é um feito que garantiu o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (1996). Mais recente é a tradução de Guilherme Gontijo Flores das elegias de Propércio (PROPÉRCIO, 2014), vencedor do Prêmio Paulo Rónai, da Biblioteca Nacional (2015). Assim como Oliva Neto, Flores verte o dístico elegíaco por um dodecassílabo e decassílabo, buscando encontrar equivalências para a sonoridade do poeta latino e a expressividade de sua linguagem em língua portuguesa.

Por fim, vou mencionar o trabalho de duas tradutoras que se enveredaram um caminho muito diferente e pessoal, mas que se tocam nos objetivos. Ana Maria César Pompeu, professora da Universidade Federal do Ceará, traduziu de forma bem saborosa *Acarnenses*, de Aristófanes, para o cearensês em *Dioniso Matuto* (POMPEU, 2014). A experiência interessa na medida em que ao dotar de sotaque o herói

aristofânico se dessacraliza o texto, valoriza os falares e falantes locais e revela ao resto do país a sua diversidade em termos de variações linguísticas e costumes. Vejamos um trecho (1-8):

Tanta dó tem despedaçado meu coração,  
Alegria é pôca, bem poquinha, conto nos dedo;  
Mas sofrimento é grãocentas-ruma-de areia.  
Dêxa eu vê qual foi uma alegria de deleite.  
Já sei! Foi no dia q'eu fiquei veno e lavei a alma,  
Com aquele' cinco talento que o Cleão botô prá fora.  
Vixe! Com'eu briei, e eu sô doido pelos Cavalêro  
Por causa desse feito, do tamãe da Grécia!

Já Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, docente da Universidade Federal de Minas Gerais, vem conduzindo uma experiência única, a tradução coletiva da tragédia grega com vistas a performance. Designando-se “diretora de tradução”, Virgínia coordenou um grupo de estudantes de grego, tradução, atores, intitulada Trupersa (Trupe de tradução de teatro antigo), para dar voz a *Medeia* de Eurípides (EURÍPIDES, 2013).<sup>19</sup> No prefácio a edição da peça, diz a “diretora” em tom de manifesto (Eurípides, 2013: 13-15):

“Com a pesquisa realizada, temos, enfim, a satisfação de oferecer para os leitores o que chamamos de “tradução brasileira coletiva funcional e cênica” de teatro grego clássico. Um produto cujo diferencial explicaremos com detalhe. Até o momento [...], o teatro grego, em todo o território brasileiro, vem sendo dedicado a uma elite intelectual de acadêmicos e artistas selecionados. [...] Nós pleiteamos e sonhamos ver o teatro chegar a muitos. Por isso nossa perspectiva é outra. Traduzimos para o teatro, encenamos e queremos encenar *Medeia* – com texto grego traduzido na íntegra em todos os seus detalhes gramaticais – nas regiões mais carentes do país, queremos falar para todas as gentes brasileiras [...]”.

As estratégias empregadas são várias, mas destaque-se a construção da coloquialidade através da contribuição dos atores para naturalizar as falas, aplainando as arestas do verso grego. Dou um exemplo (214-221, fala *Medeia*):

Mulheres de Corinto, eu saí de casa;  
Não me censure ninguém. Sei que muitos mortais  
Ficam reservados – uns longe dos olhos, outros às portas e  
Quem fica quieto ganha  
Má fama, é um fraco. Não há

---

<sup>19</sup> A empreitada continua. Em 2015, publicaram a *Electra de Eurípides* (Cotia: Ateliê, 2015).

Justiça nos olhos dos mortais: antes de  
Conhecerem bem o interior de alguém,  
Só de olhar já odeiam quem nada fez.<sup>20</sup>

A maior parte das traduções “universitárias” tem, como é de se esperar, natureza acadêmica. Com isso, designo as versões comprometidas antes com a exatidão do sentido do que com os descaminhos da forma – simplifico aqui questão por demais complexa, obviamente traduções literárias não são necessariamente inexatas e nem as acadêmicas têm o monopólio do exato. Essas traduções têm um lugar importante na recepção dos clássicos e são relevantes para subsidiar seu estudo e compreensão.

Cabe notar que muitos dos tradutores que destaquei acima assumem um projeto tradutório que privilegia os efeitos literários do texto. A essa altura, não preciso dizer que todos são devedores em maior ou menor grau de Haroldo de Campos (1929-2003), cuja contribuição para a literatura brasileira se estende, como sabemos todos, para muito além dos clássicos. Haroldo é um desses anfíbios, a que eu me referi no começo dessa seção. Aprendeu latim nos bancos escolares (Colégio São Bento), formou-se em direito e, em questão de línguas, estava mais para D. Pedro, com seus tutores – por exemplo, a tradução da *Ilíada*, foi feita com o acompanhamento de Trajano Vieira -, do que para seus pares acadêmicos. Em 1972 sagra-se doutor pela USP com tese sobre Mário de Andrade (*Morfologia do Macunaíma*), atuando desde então como docente do PPG em Comunicação e Semiótica da PUC/SP (até 1989). Como aquelas figuras de Janus, cuja dupla face mira em simultâneo para o passado e para o futuro, Haroldo incorpora as várias etapas que a tradução dos clássicos teve no Brasil, dando contribuições decisivas tanto no que toca a arte tradutória, onde destaco a versão integral da *Ilíada*, e para a história da recepção e da tradução dos clássicos, bastante referenciada aqui. Nele passado e futuro se encontram e se mesclam num presente promissor.

Nos últimos anos percebe-se um maior engajamento dos pesquisadores das letras clássicas em rastrear a recepção dos clássicos no Brasil e, como vimos, a sua tradução é parte importante desse processo. Em um balanço feito para um seminário da Capes em 2015, Tereza Virginia Ribeiro Barbosa examina o lugar das práticas tradutórias e das reflexões que suscita para as pesquisas de Letras Clássicas em nosso

---

<sup>20</sup> A título de comparação, veja-se a mesma passagem com tradução de Jaa Torrano (São Paulo: Hucitec, 1991): “Mulheres coríntias, saí do palácio./ Não me censureis: sei que muitos mortais/ são venerados em vida, uns longe das vistas/ outros em público, e eles a plácido passo/ ganharam infâmia e ainda covardia,/ pois não há justiça em olhos mortais,/ que, antes de ver e ter ciência clara,/ odeiam coração humano, sem serem lesados.” Ou ainda, a de Flávio Ribeiro de Oliveira (Unicamp), que opta por traduzir a linguagem trágica de forma “solene, carregada de arcaísmos, com inversões que, por vezes transgridem a ordem natural [...], mas também pontuada por neologismos, estrangeirismos, recursos ao jargão [...] com a mesma liberdade que tinha o poeta trágico no uso da língua (Eurípides. Medeia. São Paulo: Odisseus, 2006, 23). Eis sua versão para os mesmos versos: “Mulheres de Corinto, vim aqui/ para não me acoimardes: sei que altivos/ são muitos dos mortais – mas alguns, não vistos,/ outros, publicamente. Mas há quem,/ por ser tranquilo, seja dito ignavo./ Em olhos de mortais não há justiça,/ se um homem, não lesado, à prima vista/ outro odeia, sem o imo conhecer-lhe”.

país.<sup>21</sup> Nota ela uma presença significativa de trabalhos voltados para a prática da tradução propriamente dita, mas que vinculam-se às linhas de ‘Poéticas da tradução’, ‘Literatura, história e memória cultural’ e ‘Edição e recepção de textos literários’. Essa percepção é corroborada pelo aparecimento de dossiês e eventos destinados à essa discussão, como são o “Textos Clássicos & tradução” (2011) e “Em torno da re- tradução dos clássicos” (2013), organizado por Mauri Furlan, da Universidade Federal de Santa Catarina, para a revista *Scientia Traductionis*, “Tradução dos Clássicos em Português”, organizado por Rodrigo Gonçalves e Brunno Vieira, da Universidade Estadual Paulista, para a *Revista de Letras* (2014). Esse último deu origem ao *Encontro Tradução dos Clássicos no Brasil*, realizado pela primeira vez em fevereiro de 2015 na Casa Guilherme de Almeida, em São Paulo. Isso para não mencionar os artigos em periódicos, cuja ínfima fração, estão arrolados na bibliografia desse texto.

Isso, contudo, não basta. Concluo com uma proposta de construção coletiva e colaborativa de uma história da tradução dos clássicos no Brasil. Como a tarefa me parece grande demais para ser realizada por uma só pessoa e o objeto vasto para além dos interesses individuais, entendo que o ideal seria começar por um repositório virtual que contasse com colaboradores fixos e voluntários, algo semelhante ao *Dicionário de tradutores literários* da UFSC, mas com entradas para tradutores, autores traduzidos, obras traduzidas, bibliografia sobre a tradução dos clássicos. Assim, como exemplo, poderíamos ter as seguintes entradas:

- a) Tradutor: Odorico Mendes. Compor perfil biográfico. Arrolar as obras que traduziu. Indicar fortuna crítica.
- b) Autor traduzido: Homero. Arrolar as traduções da *Ilíada*, da *Odisseia*, dos *Hinos Homéricos* no Brasil.
- c) Obra traduzida: *Odisseia*, de Homero. Arrolar as traduções da obra no Brasil e indicar fortuna crítica quando houver.
- d) Bibliografia sobre a tradução dos clássicos: Listar textos que tratem do assunto.

Os resultados seriam publicados online aos poucos para consulta pública, permitindo que leitores e demais pesquisadores pudessem colaborar para suprir lacunas inevitáveis. Esse repositório, por sua vez, seria ferramenta importante para preservar a memória dessa atividade, rastrear a recepção dos clássicos e fomentar novas pesquisas.<sup>22</sup>

## Referências bibliográficas

---

<sup>21</sup> Agradeço à Professora o acesso à versão preliminar desse relatório, ainda inédito.

<sup>22</sup> Uma primeira versão desse texto foi apresentada como conferência durante a XVI Jornada de Estudos da Antiguidade: redes, fronteiras e espaços, CEIA/UFF em 10/03/2016 com o título *Em bom português: a tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil*.

- Campos, A. M. Pope e Odorico: Homero em dois tempos. In Duarte, A. S.; Sebastiani, B. B.; dos Santos, M. M. (orgs.) *3º Simpósio de Estudos Clássicos da USP*. São Paulo: Humanitas, 2008, 197-227.
- Campos, H. Da tradução como criação e crítica. In Tápia, M.; Nóbrega, T. M. (orgs.) *Haroldo de Campos – transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013, 1-18 (originalmente em Campos, H. *Metalinguagem*. Petrópolis: Vozes, 1967).
- \_\_\_\_\_. O Prometeu dos Barões. In Almeida, G.; Vieira, T. *Três tragédias gregas: Antígone, Prometeu prisioneiro, Ajax*. São Paulo: Perspectiva, 1997, 231-253.
- \_\_\_\_\_. Para transcriar a *Ilíada*. In *Revista USP*, n. 12, 143-160, 1992. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25584>>, acessado em 04/03/2016.
- Cardoso, L. D. Resenha de Propércio. *Elegias*. Tradução Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. In *Nuntius Antiquus*, v. 11/2, p. 155-9, 2015. Disponível em <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/9537/8978](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/9537/8978)>, acessado em 31/10/2016.
- Catulo. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.
- Daros, R. P. Dom Pedro II: o imperador tradutor. In *Scientia traductionis*, n. 11, 227-244, 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/viewFile/1980-4237.2012n11p227/22658>>, acessado em 29/02/2016.
- Ésquilo. *Prometeu Acorrentado*. In *O Melhor do Teatro Grego*. Tradução de Mário da Gama Kury. Introdução geral, material de apoio e revisão de notas Adriane da Silva Duarte. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Prometeu Cadeeiro*. In *Tragédias*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- Eurípides. *Medeia de Eurípides*. Tradução Trupersa. Direção de tradução Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.
- Fonda, E. A. Um canto das geórgicas brasileiras, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 19, 47-52, 1977. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69964/72613>>, acessado em 03/03/2016.
- Furlan, M. (org.). Dossiê: Em torno da (re-)tradução dos clássicos. In *Scientia traductionis*, 13, 281-348, 2013. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/issue/view/ST13>>, acessado em 29/02/2016.
- \_\_\_\_\_. (org.) Dossiê: Textos clássicos & tradução. In *Scientia traductionis*, 10, 2011.
- Gonçalves, R. T.; Vieira, B. V. G. (orgs.). Dossiê: Tradução dos clássicos em português. In *Revista Letras*, 89, 101-269, 2014. Disponível em < <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/issue/view/1708> >, acessado em 29/02/2016.

- Guerini, A.; Torres, M.-H.; Costa, C. C. *Dicionário de tradutores literários no Brasil*. Disponível em <<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>>, acessado em 29/02/2016.
- Homero. *Iliada*. Tradução de Odorico Mendes. Prefácio e notas de Sálvio Nienkötter. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Odisseia*. Tradução, prefácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora34, 2011.
- Mafra, A.; Stallaert, C. Um orientalista alemão no Brasil imperial. Christian Friedrich Seybold, o tutor de D. Pedro II. In *Revista de História*, 173, 2015, 303-327. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rh/n173/2316-9141-rh-173-00303.pdf>>, acessado em 02/03/2016.
- Malta, A. Traduções em prosa da *Odisseia* de Homero: exemplos e problemas. In *Nuntius Antiquus*, v. 10, p. 5-15, 2014. Disponível em <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/7477/6450](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/7477/6450)>, acessado em 08/03/2016.
- Oliva Neto, João Ângelo. O hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes: teoria e repercussões. In *Revista Letras*, n. 89, 187-204, 2014.
- \_\_\_\_\_. *A Eneida em bom português: considerações sobre teoria e prática da tradução poética*. In Dos Santos, M. et al. (orgs). *II Simpósio de Estudos Clássicos*. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 65-88.
- Petrônio, R. *Odorico Mendes*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2013.
- Pompeu, A. M. C. *Dioniso Matuto. Uma abordagem antropológica do cômico na tradução de Acarnenses de Aristófanes para o cearensês*. Curitiba: Appris, 2014.
- Propércio. *Elegias*. Tradução Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- Ramos, P. E. S. (org.) *Poesia Grega e Latina*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- Romanelli, S.; Mafra, A.; Sousa, A. D. Pedro II tradutor: análise do processo criativo, In *Cadernos de tradução*, n.2, v. 30, 101-118, 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2012v2n30p101>>, acessado em 29/02/2016.
- de Vasconcellos, P. S. A tradução poética e os estudos clássicos no Brasil de hoje: algumas considerações. In *Scientia translationis*, n. 10, 68-79, 2011. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/viewFile/1980-4237.2011n10p68/19987>>, acessado em 08/03/2016.
- Vieira, B. V. G. Um tradutor de latim sob D. Pedro II: perspectivas para a história da tradução literária greco-romana em português. In *Revista Letras*, n. 80, 2010, 71-87. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/17072>>, acessado em 02/03/2016.
- \_\_\_\_\_. Recepção de Odorico Mendes: (a)casos de crítica de tradução no século XIX. In *PhaoS*, 10, 139-154, 2010. Disponível em <

<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/phaos/article/view/2070/3389>>, acessado em 07/03/2016.

\_\_\_\_\_. Contribuições de Haroldo de Campos para um programa tradutório latino-português. In *Terra Roxa*, 7, 80-88, 2006. Disponível em <[http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g\\_pdf/vol7/7\\_8.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol7/7_8.pdf)>, acessado em 07/03/2016.

Virgílio. *Bucólicas*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Introdução de Nogueira Moutinho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

\_\_\_\_\_. *Eneida Brasileira*. Tradução de Odorico Mendes. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Bucólicas*. Tradução de Odorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014.